

Isadora Medeiros da Costa Pereira

Quando  
travessam

desenhos

e

infâncias

do

mar

Ilha de Santa Catarina

2020



## **Ondas que trazem desenhos e infâncias do mar**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas  
Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Ilha de Santa Catarina

2020

#### Ficha de identificação da obra

Medeiros da Costa Pereira, Isadora

Ondas que trazem desenhos e infâncias do mar / Isadora Medeiros da Costa Pereira ; orientador, Leandro Belinaso Guimarães, 2020.

34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Infância. 3. Cinema e Educação. 4. Ensino de Ciências e Oficina. 5. Memória. I. Belinaso Guimarães, Leandro. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Isadora Medeiros da Costa Pereira

**Ondas que trazem desenhos e infâncias do mar**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada e aprovado em sua forma final pelo Curso Ciências Biológicas

Ilha de Santa Catarina, 10 de janeiro de 2020.

---

Prof. Carlos Roberto Zanetti, Dr.  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Leandro Belinaso Guimarães, Dr.  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Arianá Sousa de Moraes Sarmiento  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Lívia de Oliveira Guimarães  
Avaliadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Victor Anselmo Costa  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

para as crianças dentro de cada uma de nós

## AGRADECIMENTOS

aqui não cabe todo mundo que acho importante agradecer, mas nessa parte do tcc eu consigo falar para tanta gente que passou ou faz parte da minha vida. e cada uma dessas pessoas (e as que não estão aqui) é importante na minha formação para além de licenciada em biologia, mas na minha formação como pessoa. mesmo que não seja lido por todas, o registro é importante. mamãe Maristela e papai Sergio, que lindo dar a vida. que lindo ter uma mãe tão forte e um pai tão sensível. irmãs Laura e Mônica e irmão Pedro. que maravilhoso crescer com vocês. a infância foi mais feliz com vocês e que bom que a gente deixa as crianças dentro de nós livres por fora também. eu admiro muito vocês, queridas irmãs e irmão. sobrinha Pietra, que criança incrível! lindo te ver crescer livre. querido Manoel, você é maravilhoso e te admiro muito. como é bom compartilhar a vida contigo! Jaime, querido cunhado, que pessoa linda você é! muita sinceridade e muita alegria em ti. amo tanto tanto vocês!

vó Wilma (*in memoriam*), vô Alcélcio, vó Maria e vô Paulo (*in memoriam*). é tão lindo ver a criança que existe em vocês! amo vocês pra sempre.

Monique e Rafa tantos, tantos anos que vocês estão na minha vida. que bom que tu apareceu na vida do Rafa, Mô-chan (e ele na tua) e te trouxe pra perto de mim também. tu é incrível e eu te amo muito! Rafa, que alegria enorme a vida que compartilhamos (e que continuaremos compartilhando, mesmo que de mais longe). crescemos tanto e com tanto amor! amo muito você!

Lina-chan, Anselmo, Cami, Taís, Elozinha, Raquelzinha, Bazinha, Gabi, Vitor, Marilinha, Pedro, Juana e Chris. que coisa linda ter conhecido cada uma e cada um de vocês. estar tão perto e fazendo tanta coisa junta em tantos anos é maravilhoso. amo muito vocês!

Eunice, Julia e Camila. mulheres maravilhosas que são família do Manoel, e agora são minha família também, e isso me deixa tão feliz! amo vocês.

tia Lee, minha madrinha sempre presente, sempre carinhosa e sempre amiga. mulher incrível que eu amo.

Márcia, Nathália, Fabinho e Paulo, como foi bom ter vivido tantos anos com vocês pertinho. agora um pouco mais longe, mas sempre presentes. pessoas maravilhosas e eu amo vocês!

Fran, já faz 20 anos que a gente se conhece! que lindo crescer contigo. te admiro tanto, Franzinha! e te amo! Júlia e Rafael, querida prima e querido primo. moram perto de um mar



que ainda não conheço, em uma região tão incrível desse país que é o Nordeste. tantas férias que passamos perto. que lindo ver como vocês só se tornaram pessoas ainda mais maravilhosas. amo vocês! Amabily, amiga maravilhosa e colega de profissão. tu é incrível! te amo! tia Luciane, que delícia que a gente se conheceu melhor. te admiro demais e te amo! tios Dé, Joel e Di, tia Karina e tia Célia: amo vocês! tias Elisa, Beatriz, Aninha, Cecília e tios Márcio, Paulinho, Celso. todas primas e primos. amo vocês também!

tia Paula, tio Leco, Beatriz, tia Paty, tio Paulo César, Pedro, Luísa, Lívia, Kiara. amo vocês! Cláudia, Duan, Ju Anselmo, Mai, Ana Lara, João, Nathalle, Mari, May, Tomás, Amanda, Livinha, Mariah, Guigo, Rinaldo, Andy, Dani, Maruca, Lu, Sami, Dani, Ju Simon, Mi, Arthur, Raíza, Julya, Ju Vaz, Ari, Marina, Bia, Lari, Jô, Fê, Fer. que pessoas lindas vocês são! amo vocês.

turma 2013.1, que turma linda. além das Biozooeiras, deixo meu carinho especial para Dalila, Marina, Ane Salgueiro, Gabi Vanzo, Gabi Oms, Cadu, Ana Martins, Angela, Ingrid, Bruna. espaços além da sala de aula que foram fundamentais para minha formação e que sou muito grata por ter construído junto com tanta gente incrível que são o Centro Acadêmico da Biologia (CABio), PIBID-Bio, Coletiva Feminista Mítia Bonita, Coletiva Centospé, Estágio Interdisciplinar de Vivência - SC, MICOLAB. Gabi, Mari, Murilo, Lou, Gio, Lúcia, só amor! querido Lê, que alegria ter tido um professor tão incrível e sensível como você na graduação. que incrível ter você como orientador. fiquei muito feliz e sou muito grata. coletivo Tecendo, que respiro fundamental e lindo na universidade. vocês são incríveis e agradeço muito.

das escolas que estudei, minhas favoritas foram o Núcleo de Desenvolvimento Infantil (UFSC) e a EBM Beatriz de Souza Brito. conheci tantas pessoas, aprendi tanto com elas nesses espaços e agradeço muito! voltei às essas mesmas escolas em estágios. foi incrível. crianças do NDI, quanta vida e quanta coisa aprendo com vocês. os dias são mais leves e coloridos com vocês.

UFSC, PRAE, trabalhadoras e trabalhadores que fazem da universidade um lugar possível para estudar. muito obrigada pelas refeições que nutrem tanta gente e que vocês prepararam no nosso Restaurante Universitário, pelos espaços limpos, pela grama cortada (que cheiro gostoso), pelos jardins lindos e tantas coisas que muitas vezes a gente nem sabe.

Toddy, Sassá. Scooby-Doo (os três *in memoriam*), Pretinha e Maré. bichinhos anjos e cheios de luz. tenho tanto amor por essas vidas. eu, minhas irmãs e meu irmão crescemos com eles. amá-los foi e é muito importante para amar outros seres que vivem com a gente nesse planeta. e amar a vida que existe, as plantas, os fungos, e mais seres que a gente nem consegue ver.

“continue a nadar, para achar a solução”

Dory, em *Procurando Nemo* (2003)



## RESUMO

quando a gente cresce, esquece o que fazia a gente respirar, o que fazia a gente feliz na infância. a gente abandona a infância e não vê o quanto ela é importante pra o que a gente é hoje. escolhi escrever sobre essa fase tão incrível na vida, mas escrevo também sobre as dificuldades da graduação e coisas que aconteceram comigo e que tornaram esse caminho um tanto mais complicado. para além disso, retorno à infância trazendo as animações que fizeram e fazem parte da minha vida e trago uma em destaque, que é *Ponyo: uma amizade que veio do mar*, de Hayao Miyazaki. a partir dela, escrevo memórias que eu tenho com o mar e penso introdutoriamente nelas em suas relações com o Ensino de Ciências e o Cinema e Educação. por fim, proponho oficinas para serem realizadas com a animação em espaços educativos formais ou não-formais.

**palavras-chave:** 1. infância 2. cinema e educação 3. ensino de ciências 4. memória 5. oficina

## RESUMEN

cuando crecemos, olvidamos lo que nos hacía respirar, lo que nos hacía feliz em la infancia. abandonamos la infância y no vemos la importância que ella tuvo para lo que somos hoy. escogi escribir sobre esta fase tan increíble de la vida, pero escribo también sobre las dificultades del curso de pré-grado y sobre las cosas que me acontecieron e hicieron de mi caminho un poco más complicado. aparte de esto, retorno a la infancia al recuperar animaciones que formaron y forman parte de mi vida y coloco en destaque a *Ponyo y el secreto de la sirenita*, de Hayao Miyazaki. partiendo de esta animación, escribo memorias que tengo com el mar y pienso de manera introductoria junto a ellas las relaciones con la Enseñanza de las Ciencias y el Cine y Educación. finalmente, propongo talleres para seren realizados com animación em espacios educativos formales o no-formales.

**palabras clave:** 1.infancia 2.cine y educación 3.enseñanza de las ciencias 4.memoria 5.taller



## SUMÁRIO

<b>1 GRÃO DE AREIA.....</b>	<b>12</b>
<b>2 MAREMOTO .....</b>	<b>13</b>
<b>3 TCC .....</b>	<b>14</b>
<b>4 MAR DE DESENHOS .....</b>	<b>15</b>
<b>5 ONDAS QUE TROUXERAM PONYO .....</b>	<b>19</b>
<b>6 ONDAS QUE TRAZEM INFÂNCIAS.....</b>	<b>21</b>
<b>7 CINEMA E EDUCAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>8 OFICINAS.....</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1 GRÃO DE AREIA

eiii! ^^  
 aqui é a Isadora. entre tantos apelidos, Isa é como eu sei cha-  
 mada quase sempre. e eu amo. tô com quase 27 anos. eu nasci  
 na primavera. cresci brincando muito, assistindo desenhos, assistindo  
 filme, pensando, jogando videogame, jogando bola, lendo, desenhando,  
 andando de bicicleta, observando bichinhos, observando plantinhas.  
 a gente nunca para de crescer, e eu continuo crescendo e fazendo  
 todas essas coisas que eu fazia quando eu era pequena. muita gente  
 fala que brincadeira é coisa de criança. que desenho é coisa de criança  
 que videogame é coisa de criança. coisa de criança. qual o problema?  
 e eu já me achei muito esquisita por fazer tudo isso. ainda bem que  
 não pensei isso um pouquinho. logo entendi que era parte de mim. que a  
 Isa é feliz não só por causa de marcos, mas por tantas coisas - prin-  
 cipalmente por causa das coisas que a enchem de amor e que en-  
 che de amor também ♡





## 2 MAREMOTO

faz tanto tempo que não ando muito bem, pensando todo dia um pouco de coisinha ruim de mim. é muito doido, porque junto com esses pensamentos (ou em algum momento do dia), vem os bons também, que me vem dizer coisas amorosas sobre mim. eu não tenho vontade de fazer quase nada e quando faço algo que eu gosto, fico muito tempo nisso e me perco entre as tantas outras coisas que deveria fazer. e me pressiono muito. estar com pessoas que não conheço muito bem é algo bem desgastante pra mim, porque faz eu me julgar ainda mais. e quando estou com pessoas que me amam e que eu amo também, muitas vezes fico longe. percebo meu olhar triste e meus ouvidos quase tampados. e eu pedindo desculpa. toda hora pedindo desculpa. desculpa por estar mal? desculpa por não estar aqui? mas entendo que não posso e não quero colocar toda a culpa do que eu faço ou deixo de fazer pra essa doença assustadora que é a depressão. é muito doido, porque não é algo que eu veja como comum nas outras pessoas depressivas, mas sou muito otimista. em todos esses anos eu sempre tive na minha cabeça que um dia essas coisas ruins iriam passar. eu quero muito que passe logo. quero sentir como eu era, quero viver como eu era. sem toda essa tristeza e todo esse peso na vida.

no momento, o que eu mais precisava fazer é o tcc. é uma questão bem importante pra mim terminá-lo logo, pra terminar a faculdade logo. tá muito difícil minha situação de permanência aqui. mais um semestre nas condições que estou vivendo não é algo que eu gostaria. isso falando só em questão financeira, porque a cabecinha é outro ponto que pesa, mas que transpassa a universidade. preciso cuidar da minha saúde mental não só dentro da universidade, mas fora dela também.

e a escrita. como tem sido difícil escrever. não só o tcc, mas qualquer coisa. e é algo que eu gosto tanto. me faz feliz e me faz sentir leveza. quando eu falo em escrever, penso principalmente no meu diário. e ele começa de um jeito curioso: eu decidi que só escreveria coisas felizes nele, e só em preto também. fiquei aliviada quando percebi que não fazia sentido essas coisas. pra que esconder ainda mais as coisinhas difíceis ou ruins? já faz parte de mim isso e é algo que eu quero mudar. escrevê-las no diário foi uma decisão bem importante pra começar as mudanças. sobre a cor eu nem precisaria dizer, porque é só olhar pra minha

cara pra ver que colorido é o meu mundo (mesmo que eu achei que ele esteja meio desbotado - ou completamente). agora colorido é o meu diário também.

e ultimamente, tenho pensado em escrever muitas coisas. mas essas coisas só ficam na cabeça. não consigo colocar pra fora. textos vão sendo formados e textos vão sendo guardados. tudo para mim. como eu sempre faço. tudo pra mim o que não precisaria ser só pra mim. e eu não gostaria que fosse assim. tanta coisa bonita que eu penso em escrever para as pessoas. mas tá tudo bem. fico um pouco frustrada, mas um dia eu sei que consigo.

### 3 TCC

eu gosto muito e acho doida a trajetória com meu tcc. um pouco triste também. eu já sabia que queria trabalhar com algum filme do estúdio ghibli<sup>1</sup> e era muito fofo no começo da graduação eu dando um jeito de colocar os filmes em tudo o que era trabalho (não foram em muitos, mas pra mim já foi ótimo). daí o tempo foi passando, passando. e eu adoecendo adoecendo. assisti tanto tcc, tanta apresentação de trabalho, tanta palestra. passei por laboratórios e em todos esses espaços eu refletia sobre o que deveria fazer de tcc. ou o que não deveria fazer. comecei a achar, e depois a ter certeza, de como escrever o trabalho. e até saber como apresentar o tcc. passei a achar que estudar algum filme de animação que eu amo tanto já não era suficiente. pior: não era importante. com certeza é necessário refletir sobre esses pontos na escolha de estudar algo. mas acredito que seja mais crucial ainda que tu penses: vai fazer bem pra ti? tu vais dar conta? talvez eu não possa colocar essas perguntas assim, para todo mundo. cada pessoa leva o tcc de um jeito. mas vejo tanta gente passando muita dificuldade pra escrever que acredito que pelo menos essas perguntas a gente possa fazer pra nós mesmas. esse trabalho não deveria fazer mal pra nós.

mas daí quando a licenciatura passou a ser de fato uma escolha, uma vontade e um caminho para seguir, comecei a voltar meus olhinhos de novo para coisas que sempre amei e acreditei

---

<sup>1</sup> o Estúdio Ghibli é um estúdio de animação japonês fundado em 1985 e produziu 21 longas-metragens e muitos curtas. entre eles estão: *Meu Vizinho Totoro*, *Princesa Mononoke*, *A Viagem de Chihiro*, *Castelo Animado*, *Ponyo: Uma amizade que veio do mar*



serem importantes. tive algumas aulas que, por serem tão diferentes de todas as que tinha tido, achei estranhas. hoje gosto muito de pensar nessas aulas, pois elas eram lindas. mais do que lindas: elas faziam a gente pensar em outras possibilidades de ser professora. e junto com isso veio a arte e a importância de pensá-la na docência.

mesmo assim, estava deixando de lado o trabalho com algum filme de animação. e na primeira conversa com o Lê, meu orientador, foi que a ideia voltou. ele me apresentou materiais lindos feitos por estudantes em uma disciplina que ele leciona e eu achei incrível tudo aquilo. mas junto com as coisas boas que senti naquele momento, me veio aquele sonho empoeirado. e consegui falar dessa vontade. e nesse instante, meu tcc começou a realmente ganhar vida. e eu fiquei toda feliz.

já faz muito tempo que tenho vontade de fazer o tcc com algum filme de animação. antes mesmo de entrar na faculdade. porque existem alguns filmes de animação que eu amo muito, e por algum tempo, eu pensava que seria maravilhoso se todo mundo conhecesse essas animações. daí sempre dava um jeitinho de falar sobre elas, pessoalmente ou na internet. hoje ainda gosto.

#### **4 MAR DE DESENHOS**

tem coisas que entram na nossa vida e a gente nem sabe como. não sei quando foi meu primeiro contato com desenhos animados ou filmes de animação, mas sei que vejo desde pequena. o primeiro filme animado a que assisti no cinema eu lembro bem: foi com a creche e era o *Tarzan* da Disney. eu não lembro o quão importante foi o filme em si pra mim, naquele momento. mas me marcou desse modo: por ter sido o primeiro a que assisti no cinema. de desenho animado eu realmente não tenho ideia qual eu assisti primeiro, mas tenho uma memória muito forte de *Sailor Moon* (então acho que posso considerar como o primeiro, mesmo tendo acabado de pensar nisso agora escrevendo esse texto). esse desenho é um anime<sup>2</sup> e eu realmente não lembro muito a história, mas as personagens são extremamente

---

<sup>2</sup> anime são todas as animações produzidas em estúdios japoneses

vivas nos meus pensamentos. até porque brincávamos de ser algum personagem e eu escolhia uma das sailors para ser.



os desenhos sempre tiveram um espaço carinhoso na minha vida. não tenho muita lembrança de assisti-los sozinha, mas sempre com alguém. especialmente minhas irmãs e irmão. no fim do dia, depois da aula, nos reuníamos e, entre tantas coisas que a gente gostava de fazer, assistíamos televisão.

fui crescendo e crescendo e os desenhos continuaram muito presentes pra mim. mesmo quando diziam que desenho era coisa de criança. felizmente nunca me importei com isso. acho que sempre soube que se é coisa de criança, significa que é bom então.

mas falando em infância, é engraçado também a gente pensar que desenho é exclusivo para esse público, quando não, há inúmeras animações para jovens e adultos.

sem perceber, acabei me interessando por esse tipo de desenho não infantil. meu irmão apresentou um anime chamado *Naruto* e foi aí que nossos momentos de assistir desenho juntos deram uma pausa. pois ficávamos fazendo maratona de *Naruto* sozinhas. era bem doido. ficávamos muitas vezes tardes inteiras assistindo.



e os filmes de animação sempre estiveram junto nesse caminhar cheio de desenhos. era bem comum alugarmos filmes ou ir ao cinema, que acontecia mais vezes quando visitávamos uma das avós, em Joinville. lembro que um dia na casa da vó, acabei escolhendo sem querer um filme que não era infantil. era pra mim, para as minhas irmãs, minha prima e meu primo (minha irmã mais nova e meu primo tem idades parecidas e eram pequenos, na época). estava na locadora, na sessão infantil, e me chamou atenção um filme chamado *As Bicicletas de Belleville*. quando colocamos pra assistir, fiquei com vergonha, porque era esquisito e pesado. não era algo que estávamos esperando. mesmo assim, vimos até o final. acho que foi esse meu primeiro contato com a animação francesa. e depois de algum tempo, tive um olhar diferente pra esse filme. hoje acho ele incrível, mas continua sendo esquisito e pesado. eu não lembro muito de *Bicicletas de Belleville*, mas sei que mostra um menino vivendo com a avó. ele ama andar de bicicleta, a vó sempre incentivou ele, e quando cresceu, quis participar de uma competição de ciclismo. aí acontecem coisas, como sequestros que tem envolvimento de uma máfia. e a vó é incrível e ajuda nessa situação.

a animação japonesa foi um processo mais lento. assistia a alguns animes na infância, como *Cavaleiros do Zodíaco*, *Dragon Ball*, *Pokémon* e o meu preferido até hoje, *Sakura Card Captors*. mas sei que um dia, lá em 2003, vi em uma revista a propaganda de um filme que tava passando no cinema chamado *A Viagem de Chihiro*. não deu de ver na tela grande. mas quando saiu na locadora, fomos lá buscar. e me encantei. e todo ano assistia, e todo ano via alguma coisa diferente nele. e me emociono bastante com ele, toda vez que assisto. é muito bonito ver o crescimento da Chihiro no filme. ela vai para um lugar desconhecido e sozinha, sente medo mas enfrenta a situação. ela tem bastante ajuda e faz amizades. ela vai ficando cada vez mais forte e determinada e consegue viver bem na situação que tá passando, e passa a gostar também.

daí um dia fui pesquisar mais sobre essa animação e conheci o estúdio que produziu, o Ghibli. e quis ver todos. e amo muitos dos filmes do Estúdio Ghibli. mas essa foi só a continuação do meu amor pela animação. hoje, busco conhecer animações de todo o mundo, animações produzidas por mulheres, pessoas negras e LGBTQI+. e não importa pra qual público elas são destinadas, se para o infantil ou o adulto. quero conhecer mais e mais, porque assistir a esse tipo de filme me deixa muito feliz.



e faz muitos anos que dou um jeito de conhecer animações novas. em 2008, vi uma divulgação sobre o Dia Internacional da Animação. nesse dia, que é 28 de outubro, acontecem mostras de curtas de animação no mundo todo. o lugar mais perto da minha cidade que iria ter a mostra era Itajaí (e que não era tão perto assim, uns 50km de Bombinhas). acho que meu pai já sabia como as animações eram importantes pra mim, e levou eu, minhas irmãs, uma amiga nossa e o Rafa, que era meu namorado na época. e foi incrível, um dia maravilhoso mesmo.

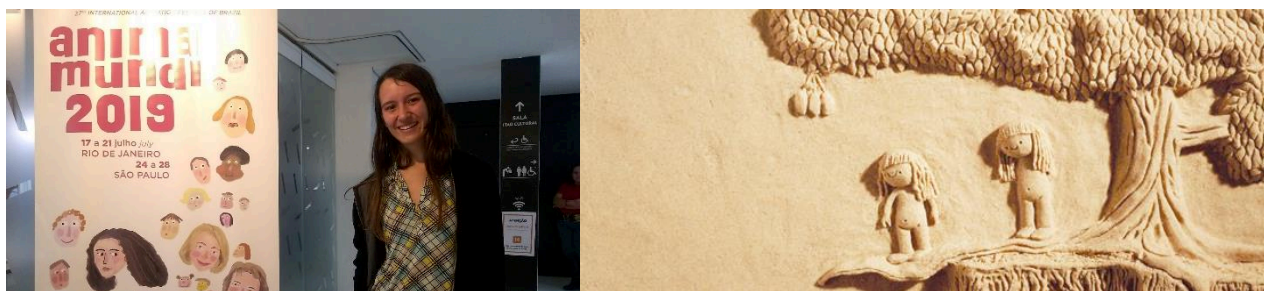
e a partir desse momento, eu passei a amar também os curtas de animação, que pouco conhecia. fui em mais algumas mostras do dia da animação, mas assisti curtas em outros espaços também. e conheci o Anima Mundi, que é o maior festival de animação do Brasil, que acontecia no Rio de Janeiro, e que hoje acontece lá e em São Paulo também. e desde 2008 era meu sonho ir ao festival.

sempre que ia ter alguma mostra de curtas de animação, eu ficava muito empolgada. um dia passou, com parceria com a Aliança Francesa de Florianópolis, curtas de animação franceses. fiquei muito feliz que mais gente da minha família foi, e os curtas foram ótimos. mas o que acabei fazendo todo ano foi ir às mostras de cinema infantil de Florianópolis, que sempre tem algum curta de animação, e longas-metragens também. esse ano, também começou um projeto no cinema do Centro Integrado de Cultura (CIC), que leva filmes infantis todos os sábados para lá. no FAM, que é o Florianópolis Audiovisual Mercosul, um evento com filmes brasileiros e de países da América Latina, também tem curtas de animação, que costumam ser infantis. sempre fui nessas sessões também.



eu realizei um dos meus sonhos esse ano. eu me programei na cabecinha e achei meio doida a ideia. era de ir ao Anima Mundi, em São Paulo. a real é que ninguém sabia se o festival iria acontecer. a situação política do Brasil tá tão ruim que até o financiamento que o Anima Mundi sempre recebeu foi cortado. foi feito financiamento coletivo. e quase no último dia de campanha, o valor que precisavam foi alcançado e veio a sensação de alívio. teria sido muito triste depois de 26 anos de festival ele não acontecer esse ano. e então eu consegui ir. eu não tinha como ficar mais de um dia lá, por não ter condições financeiras, mas juntei o pouco que eu tinha e fui. fiquei o dia todo assistindo sessões no evento, e nos intervalos, passeava um pouco pela Avenida Paulista. também estava em uma conversa sobre cinema e educação, com pessoas apresentando seus projetos nas escolas. crianças fazendo cinema de animação. e depois, ver as animações produzidas foi maravilhoso. deu muita vontade de fazer isso quando eu for professora.

outro momento muito especial para mim esse ano, foi no FAM. eu fiquei muito feliz quando vi que ia ter uma sessão só de curtas de animação, então também fiquei toda radiante quando meu namorado Manoel me deu um ingresso e eu fui. quando entrei na sala, Guaxuma já tinha começado. aquela foi uma das coisas mais bonitas que já vi na vida. tudo me tocou tanto. lágrimas escorreram pelos meus olhinhos. a Nara narrava a história dela com a Tayra. tinha areia, tinha mar, mas acima de tudo tinha amor, muito amor em uma amizade tão linda. eu quero muito ver Guaxuma de novo



## 5 ONDAS QUE TROUXERAM PONYO

ver Ponyo mais uma vez, me faz lembrar a primeira vez que assisti ao filme. foi em 2010 e teve sessão única em Florianópolis. nós morávamos em Bombinhas e conseguimos nos

organizar para ir: era muito importante para mim. e só estávamos nós no cinema: eu, a Laura e a Mônica. nunca tinha acontecido isso com a gente, e achamos esquisito, mas só aquilo mesmo. eu consigo imaginar o brilhar nos nossos olhos do início ao fim do filme. e lágrimas, muitas lágrimas, de tão bonito que Ponyo é.



eu sempre falo Ponyo, mas a tradução que veio para o filme no Brasil é Ponyo: uma amizade que veio do mar. em inglês ficou Ponyo on the cliff by the sea e em japonês é 崖の上のポニョ (que na escrita romanizada é gake no ue no Ponyo).

e sim, a Ponyo veio do mar. ela já foi uma peixinha dourada. hoje não mais. ela escolheu ser outra coisa. o pai da Ponyo também. ele já foi humano, hoje não mais. tanto a Ponyo como o pai têm uma relação muito bonita com o mar, de amor e cuidado. já a relação entre esses dois seres é mais difícil. a Ponyo quer conhecer o mar e o mundo. o pai quer que ela fique do lado dele, junto com suas irmãs (em uma bolha).

cada vez que a gente vê um mesmo filme, tantas coisas vão surgindo. e Ponyo é um filme que eu vejo quase todo ano. a última vez que assisti foi recentemente, e com a minha irmã Mônica. é tão bom ter a companhia dela. a Ponyo me lembra ela, mas hoje me lembra ainda mais minha sobrinha, a Pietra. as duas são lindas peixinhas, que ficam tão felizes com a presença do mar, e quando as águas as abraçam.

o mar que a Ponyo nasceu pouca gente conhece. eu falo do oceano, falo das águas que não se espreguiçam na areia e molham nossos pezinhos e levam bichinhos que estavam ansiosos para

voltar ao mar. a Ponyo cresceu lá no fundo do oceano com muitas irmãzinhas. lá onde tem bichos que só vimos em gravações. nessas gravações, a gente ouve um pouco da canção do oceano. é o som que os bichinhos fazem quando nadam, quando brincam, quando comem. e que só a gente que é humano ouve. lá no mar, eles percebem e sentem. percebem os animais ao redor e sentem as ondas no corpo. Ponyo queria sentir também, mas ela e as irmãs ficavam presas numa bolha. mas a peixinha-dourada, assim como minha irmã e minha sobrinha, é muito determinada. ela consegue sair de lá e se sente tão feliz, tão em paz.

Ponyo fez o que toda criança precisa fazer para crescer bem: explorar o mundo. isso significa que coisas ruins vão surgir em meio às descobertas, que foi o que aconteceu com Ponyo. ela só conhecia o mar de dentro da bolha, e só conhecia sua mãe, seu pai e suas irmãs. lá era seguro. mas de lá, Ponyo não sabia o que acontecia lá fora. e quando sai, conhece tantas belezas, tantos novos seres. conhece também os seres humanos, que quando aparecem no filme, em seguida é mostrada toda a sujeira que deixamos chegar aos oceanos. mas contrapondo isso, Ponyo se encanta por uma criança chamada Sosuke. é um sentimento de amor que surge de imediato quando a peixinha vê o menino e quando ele vê a peixinha. e a partir desse momento, as duas querem passar todo o tempo juntas e é lindo ver o sentimento de amizade que é criado.

## **6 ONDAS QUE TRAZEM INFÂNCIAS**

outro dia, um querido amigo me perguntou: Isa, qual tua relação com o mar?

de todos os meus quase vinte e sete anos, só um deles eu passei mais tempo longe do mar. já completou vinte anos que eu moro em Floripa, entre idas e vindas e eu nasci na ilha.

a memória de uma praia é importante para mim. é a Praia do Forte, no norte da ilha. devia ser a praia favorita da mãe e do pai para levar as filhas e filho. talvez por causa disso ou talvez sem querer, essa se tornou a nossa praia favorita também. e talvez por isso as praias calminhas sejam as que eu mais gosto.

mas durante a minha infância, outra praia foi presente na minha vida também. minha vó e meu vô paternos tinham uma casa em São Francisco do Sul, na Praia de Ubatuba. eu gostava

muito de ir pra lá. toda a família se reunia, muitas primas e primos. mas lá, as águas não eram calminhas. uma vez, veio uma onda tão grande, tão grande. para mim, ela tinha muitos metros, tipo uma onda de tsunami. acho que é isso o que importa, mesmo que talvez não fosse. ah, importante também que eu consegui mergulhar e passar debaixo dela, sentindo toda pressão dessa onda tão forte.

eu amava ir para o fundão com o meu pai. lá não tinham ondas.

ah, tem mais uma praia que eu preciso falar. minha vó Wilma e meu vô Alcélcio sempre moraram em Lages. lá é longe do mar e é bem alto, no topo do que foi um antigo vulcão. e aí me lembro da minha irmã Laura, que é geóloga e que, além de ter me contado essa coisa incrível, lembra também de algo muito massa, de quando éramos crianças e íamos para casa da vó e do vô. a mana lembra das conchas que encontrávamos nos campos lageanos, de quando lá nem tinha nome. de quando esse lugar sem nome recebia o mar.

mas depois de tantos, tantos anos em Lages, vó e vô vieram pra perto do mar. o mar de Itapema não é tão calmo como na Praia do Forte, mas também não tão agitado quanto a Praia de Ubatuba. eu amo lá, apesar de hoje não ir muito ao mar, porque ficou sujo.

eu gosto de pensar nas brincadeiras que fazíamos na praia e o que a infinidade de mar e areia proporciona, principalmente para as crianças. era divertido brincar com as ondas. eu, minha irmã Laura e meu primo Filipe escolhíamos algum personagem para brincar e lutávamos contra as ondas. mas também entrávamos nelas, e deslizávamos até a areia quando fazíamos "jacaré" ou estávamos em uma prancha. na areia, eu amava fazer castelos com rio em volta e fazer "croquete" me enrolando na areia.

eu pensei no nome da minha mãe e o quão lindo ele é. ela nasceu em Lages e recebeu o nome Maristela. a mãe fala para nós, desde que somos pequenas, que o nome dela significa estrela-do-mar. ela era uma criança já grandinha quando colocou os pés na areia e sentiu o movimento das águas do mar no corpo. eu consigo imaginar a felicidade dela nesse momento. acho que por isso ela nunca mais quis ficar longe do mar.



eu pensei também nas sensações que minha mãe e meu pai tiveram quando viram meu irmão, eu e minhas irmãs quando fomos ao mar pela primeira vez. não sei se ficamos felizes ou se nos assustamos. mas eu consigo imaginar a Mônica muito feliz e rindo quando colocou os pezinhos na água salgada pela primeira vez. e a Pietra eu tenho certeza que foi assim, com muita alegria também.



## 7 CINEMA E EDUCAÇÃO

eu escolhi biologia quando eu era pequena. tinha 9 anos e pra mim foi um pouco abrupta essa escolha. hoje não vejo que eu tinha decidido ser bióloga de fato naquela época, pois pensava em outras coisas junto. sei que foi em uma aula que a professora nos perguntou o que a gente queria ser quando crescer (mas acho que essa pergunta sempre deve vir com: quem a gente é agora?). eu fiz um desenho comigo nele, vestida com roupas de exploradora (ser professora não era algo que eu pensava).

mas os anos foram passando, até que eu cheguei no fim do ensino fundamental e já tinha escolhido mesmo que eu seria bióloga. em todos os anos do ensino médio, estava sempre falando para os professores (sim, todos foram homens) de biologia que eu seria bióloga também. eu adorava fazer isso.

foi bem nesse período que conheci mais animações do Estúdio Ghibli. e fiquei encantada com cada uma que eu assistia e passei a ver coisas que chamavam atenção nelas. o protagonismo

feminino com certeza é maravilhoso: as mulheres são muito fortes. e a maioria dos filmes mostra uma relação muito bonita com a natureza.

e então eu comecei a pensar como seria legal fazer um tcc com alguma dessas animações que eu tanto amo. mas naquele momento, eu queria fazer uma análise do filme. hoje, construindo uma carreira na educação, não vejo como me ater a uma análise sem pensar no contexto escolar (e não desejo mais fazer essa análise). e então preciso pensar e estudar como os filmes são levados para a sala de aula, especialmente no ensino de Ciências.

para isso, o Lê, meu orientador, me indicou um trabalho de conclusão de curso também. o da Fernanda Ribeiro, de 2012 e que tem como título *Filmes na Sala de Aula: as Ciências em Foco*. A Fernanda pesquisou como as professoras e professores trabalhavam com os filmes em sala de aula e viu que eles são usados muito como um instrumento de ensino, e não como obra em si, deixando de lado tanta coisa incrível.

nesse ponto, acho importante não me distanciar, não falar sobre as professoras e professores como se eu não fizesse parte desse grupo, mas falar que somos nós, docentes. já trabalhei com filmes em sala de aula e foi da maneira que Fernanda viu em seu trabalho. também acho necessário falar que não é só o audiovisual que é trabalhado dessa maneira nas escolas: a música, o desenho, a dança e tantas outras formas de arte são pensadas para estudar conteúdos específicos.

não acho também que os filmes não possam ser trabalhados com recorte de conteúdo, como somente um instrumento. porém, se perde muita coisa quando se faz isso. mas também é importante que a gente entenda o contexto e condições das professoras e professores nas redes municipais e estaduais de ensino, que são sobrecarregadas e desvalorizadas. até que ponto se consegue pensar em novas práticas de ensino? até que ponto se consegue fazer uma autocrítica e avaliação do trabalho?

e nessa pesquisa da Fernanda, é interessante ver esse lado das professoras que estão no corre todo dia, que mesmo com todas as dificuldades, ainda pensam em atividades diferentes para suas estudantes. docentes que trazem o cinema para a sala de aula. é muito importante que o audiovisual esteja presente nas escolas e nesse ponto, vou falar sobre uma experiência que

algumas pesquisadoras tiveram com um projeto de cinema em um hospital, com um trabalho publicado em 2015 chamado *Educação, cinema e infância: um olhar sobre práticas de cinema em hospital universitário* de Fernanda Omelczuk, Adriana Fresquet e Angela Medeiros Santi.

foi uma pesquisa muito bonita de ler e que me trouxe muitas reflexões sobre o ensino com cinema. é muito necessário pensar que a aprendizagem não acontece somente em espaços formais. ela acontece a todo momento, e em todas as relações. achei difícil, porém muito especial olhar para essa atividade de cinema no hospital, pois é um ambiente com sentimentos extremos, de felicidade e de tristeza. e ler sobre a proposta me fez ter um outro olhar sobre esse espaço, pois não pensei somente nesses sentimentos, mas sim em outras coisas, como na vida das pessoas que estão lá e que estão a todo momento experienciando e imaginando.

o cinema que era levado ao hospital era em formato de oficina: havia todo um cuidado, desde a escolha do audiovisual, o preparo do espaço e atividades que eram feitas depois envolvendo o filme. esse momento da seleção do audiovisual me fez pensar muito na minha escolha de filme. assim como no hospital, trouxe para a minha pesquisa um filme que não faz parte do circuito comercial, mesmo que ele tenha vindo para algumas poucas sessões de cinema no Brasil. e o que me fez ficar com os olhinhos brilhando foi ler sobre como as pessoas que participavam das sessões no hospital ficavam encantadas ao assistir a uma obra desconhecida, pois eu tinha dúvida se o estranhamento que um filme de outro lugar do mundo fosse desconfortável para pensar em práticas pedagógicas. e o preparo do espaço deixava todo esse momento ainda mais especial, pois eram colocadas uma tela grande para a projeção dos filmes, a sala era deixada no escuro e só essa mudança na conformação do lugar era muito importante, pois prepara o acontecimento de algo diferente no dia a dia.

para além de pensar nos filmes diferentes que eram trazidos para o hospital, era pensado no por que trazê-los. por serem de outros estilos, eles fogem do que estamos acostumadas com o cinema comercial e os elementos que tornam eles diferentes são inerentes à maneira como os filmes foram produzidos, que trazem outras formas de apresentar as cenas, de pensar na iluminação e tantas outras coisas que eram apontadas nas oficinas e que faziam com que as pessoas que participavam delas olhassem o filme pensando em como ele foi produzido. e isso

já traz uma outra relação com o audiovisual, que nós dificilmente pensamos em como foi feito e que essa distância nos tira a possibilidade de criar nós mesmas um audiovisual, pois parece muito mais difícil e inacessível do que realmente é, pois há inúmeras formas de se fazer um filme.

outra reflexão importante que a pesquisa trouxe para mim e o meu trabalho foi sobre como o cinema nos toca, pois diversas realidades são apresentadas e temos a oportunidade de nos colocar no papel da outra pessoa. acho que por isso que acabamos nos sentindo mais ou menos emocionadas com um filme, pois depende muito das características das personagens e se nos identificamos com elas. e esse com certeza foi outro motivo muito importante para eu escolher criar oficinas com o filme *Ponyo: uma amizade que veio do mar*.

## 8 OFICINAS

uma forma que eu acho maravilhosa de pensar outras propostas com um filme (pensando nesse trabalho) é com oficinas. nelas, podemos olhar para os detalhes e ir além do conteúdo que ensinamos em sala de aula. incrível também é ter inspirações por e com trabalhos de pessoas que amamos. por isso, vou escrever o que me trouxe o trabalho de conclusão de curso de 2018 da minha querida amiga e professora, Raquel Rohden. o tcc tem como título: *entre afetos e correntezas, memórias: relações com os rios e a educação ambiental*. mas antes, preciso dizer o quão bonito é ver os desdobramentos da pesquisa dela. fiquei emocionada ao ler sobre o desejo dela de lutar pelos rios e ver que a Raquel está cada vez mais envolvida nessa militância, com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

a Raquel também trouxe uma proposta de oficina na pesquisa, mas temos algumas diferenças: a dela saiu do papel e existiu na vida de várias pessoas. a minha (por ora), vai ficar nesses escritos. e há algum tempo, eu percebi uma semelhança que me deixou muito feliz. foi da relação com a água que trazemos em nossos trabalhos, ela com o rio e eu com o mar e esses encontros são cheios de afeto e memória. li os poemas de João Cabral de Melo Neto que a Raquel escolheu para as oficinas, de alguns livros, mas especialmente de um livro chamado *A educação pela pedra e depois* (e a poesia *Cão sem plumas*) e quase sentia que era um encontro meu e da minha doce amiga quando mar e rio estavam juntos na mesma poesia.



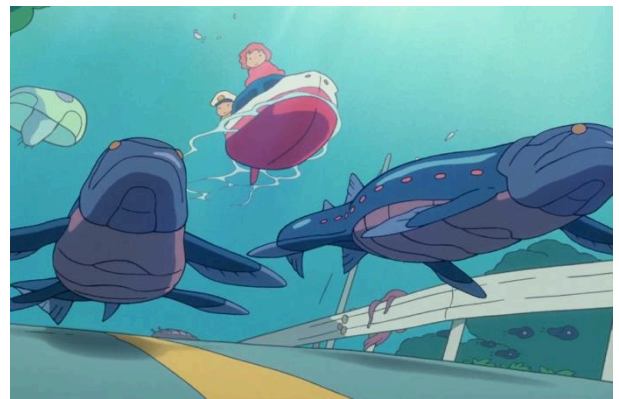
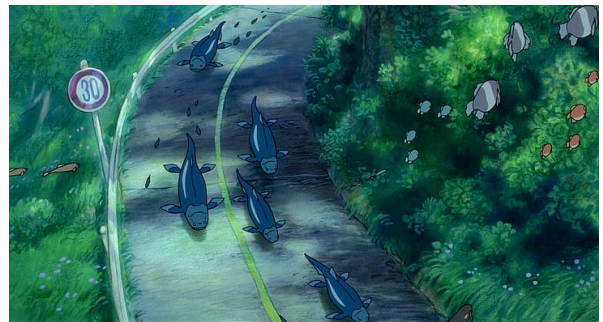
para pensar na construção das oficinas que vou propor, preciso olhar no que Ponyo traz pra mim, que além de me fazer sentir um quentinho lindo no coração e muitas lágrimas nos olhos, traz a relação com o mar. então faço a primeira proposta de oficina, que escolhi chamar de *mar de memórias*. mas antes de entrar em cada oficina, escrevo sobre por que eu trago várias propostas, e não somente uma. quando a gente faz um plano de aula, pensamos não só nos objetivos da aula e no assunto que ela terá, mas também é fundamental contextualizar a prática pedagógica, pensando em quem estamos ensinando, onde e como o ensino irá ocorrer. no meu caso, como as oficinas não serão imediatamente aplicadas (e não sei quando isso vai acontecer, apesar de desejar muito), não conheço as pessoas que farão parte e irão construir a oficina e assim, não conheço o contexto em que elas estão inseridas. assim, trago várias propostas que podem e devem ser adaptadas para o público para o qual as práticas pedagógicas vão acontecer.

*preparando o espaço:* é um momento bem importante das oficinas. sentir e perceber que há coisas diferentes no lugar em que as oficinas acontecerão faz parte desse momento e já deixa nosso corpo curioso e atento ao que está por vir. assim, trarei o mar para a sala (ou qualquer espaço de ensino, não necessariamente convencional), um pouquinho da imensidão azul que é o mar. e para ele, penso em um tecido grande. barquinhos e peixinhos de papel farão parte desse mar. esses elementos fazem parte de Ponyo e eu acho importante trazê-los para as oficinas.

**mar de memórias:** o início dessa oficina será com a mesma pergunta que meu amigo fez para mim, para minhas alunas e alunos depois de assistirmos ao filme: qual tua relação com o mar? após fazer a pergunta sobre a relação com o mar, convido as estudantes a trazerem suas histórias com o mar, escritas no papel e que serão transformadas em mais barquinhos e peixinhos. essas histórias farão parte do oceano.

**mar de animação:** nesse momento, conheceremos o mar de Ponyo. o que ela via quando estava no mar? há também o mar de Sosuke: como ele via o mar? em algumas partes da animação, Ponyo e Sosuke falam sobre seus mares, que dessa vez não são suas visões individuais, mas compartilhadas entre elas e é um momento muito bonito, de cada uma mostrando alguma coisa do seu mar e elas percebendo as semelhanças nos seus olhares. várias

imagens do filme com os seres vivos que habitam o oceano estarão espalhadas pelo nosso mar da oficina e convidarei às alunas e alunos a pensarem nos seus próprios mares com colagem, desenhos. revistas, livros, canetinhas, tintas, tesouras e colas estarão à disposição para que a turma, dividida em grupos, criem seus oceanos, com toda a vida que desejarem.



**a vida em uma bolha:** a peixinha Ponyo vive em uma bolha no início do filme. provavelmente foi onde ela cresceu e viveu parte de sua vida. vejo como uma metáfora para a nossas vidas nas nossas bolhas sociais. há momentos que são extremamente necessários que a gente se mantenha somente com essas pessoas, para a nossa própria saúde mental. mas é difícil, porém importante entrar em contato com outras realidades e entrar em choque com elas. por isso, precisamos saber o momento de sair das nossas bolhas para que a gente consiga viver e conviver com outros olhares para as pessoas e para o mundo. Ponyo tem ajuda das suas irmãs peixinhas para sair da bolha. seria bonito conversarmos sobre a vida em uma bolha nessa oficina. o que nos deixa feliz nelas? um momento de troca em uma roda de conversa sobre as bolhas e como é quando saímos delas me parece bem importante.



**criança e adulta (adulta e criança):** o abandono das nossas infâncias quando a gente cresce é bem naturalizado e me parece que é visto como fundamental para a constituição da pessoa adulta. eu não vejo assim e fico feliz de ter certeza que não sou a única. algo que Ponyo traz e que muitos filmes do Estúdio Ghibli mostram é o amadurecimento de várias crianças (principalmente mulheres), mas esses momentos não são marcas de transição de uma criança para uma adulta, é um crescimento saudável. em Ponyo, a mãe de Sosuke, a Lisa, é apresentada como uma mulher muito forte e determinada e é muito massa quando há um momento no filme que mostra ela bem brava com o pai de Sosuke, o Koichi, que não pôde ir para casa por vários dias (ele é capitão em um barco), e é a criança de 5 anos que lida melhor com a situação. para essa oficina, gostaria de propor uma atividade de escrita que poderia ser feita em um quadro de giz ou em um papel grande, para que coletivamente, construíssemos



um painel com palavras inerentes à infância e à vida adulta para que a gente pense nas interseções dessas duas fases da vida das pessoas.



**ser idosa e ser criança:** outra relação muito importante e bonita que o filme apresenta é com a velhice. Lisa, a mãe de Ponyo, trabalha em um lar de idosos e Sosuke, seu filho, é amigo de várias senhoras que vivem lá. a relação da criança com as idosas se mostra muito linda e respeitosa (dele com as senhoras e vice-versa). elas têm um olhar cuidadoso com a infância e entram nas brincadeiras do imaginário de Sosuke. eu gosto de ver isso fora do filme também, porque para mim, as pessoas idosas trazem muito da infância para suas vidas quando estão nessa fase e eu acho mais lindo ainda quando vejo (e muito) que as pessoas velhas não parecem se importar com o que as outras pessoas vão pensar quando fazem algo que é considerado infantil. isso me faz lembrar de um filme chamado *A loja mágica de brinquedos* (2007), que tem uma cena que o senhor que é o dono da loja se diverte muito em público, fazendo coisas que as pessoas julgam ser de criança. acredito que seria muito legal trabalhar essa oficina com a anterior (*criança e adulta - adulta e criança*), pois traria as três fases da vida para elaboração e discussão do quadro.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponyo é um filme muito, muito especial para mim. é um dos meus favoritos da vida com certeza e eu amo muito tudo nele. escrever esse trabalho pensando essa animação com o Ensino de Ciências e a elaboração de oficinas foi incrível para mim, que termino a graduação cheia de amor e desejo de lutar pela educação pública, gratuita e de qualidade. logo estarei em alguma escola e estarei efetivamente lutando por meus sonhos e com mais tanta tanta gente que compartilha deles comigo.

é importante eu falar da minha forma de escrever. algumas coisas que parecem estranhas já são inerentes à minha escrita e muitas vezes eu nem percebo que eu escrevi de um jeito diferente. mas além disso, há algo que fiz propositalmente que foi com relação às letras maiúsculas e minúsculas. as letras grandes são raras no meu texto e a verdade é que não há uma explicação conceitual para eu ter escolhido escrever assim. pode ser que seja porque eu já escrevo assim no dia a dia. e com certeza pensei mais sobre isso depois e gosto que não exista essa hierarquia das letras na escrita. outra coisa que trago na minha forma de escrever é a preferência pela flexão das palavras no gênero feminino. de qualquer forma, ao terminar o tcc sinto que esse modo de escrita criava ondas, chegavam sem cessar, sem tantas ondas maiúsculas, como os mares calminhos e de ondas minúsculas que aprecio desde a infância.

apesar de muita coisa feliz que aconteceu comigo com esse tcc, foi um processo bem difícil por causa de muitas das coisas que escrevi em *Maremoto*. já faz tempo que essa escrita foi feita mas muito pouco mudou em mim. senti muita insegurança com o trabalho, muitas vezes achando que não estava bom o suficiente e me comparei muito com outras pessoas. sei que é bem ruim fazer isso, mas que não é algo que faz parte de mim. mas sei que um dia vai melhorar.

aprendi muito com esses escritos e gosto de pensar o que eles significarão pra mim no futuro e para as minhas colegas de faculdade ou qualquer pessoa que tenha acesso a esse tcc. sei que sua principal fragilidade está em não ter efetivamente realizado a oficina. ao mesmo tempo considero que meu tcc tem a importância de abrir uma conversa na educação sobre um filme de animação pouco convidado a adentrar as salas de aula no ensino de ciências. me alegrou



muito dar uma outra vida ao filme (que agora vive também em um tcc), à minha história com ele e com *as ondas que trazem desenhos e infâncias do mar*.

com amor e carinho,

Isadora

Rio do Sul, 01 de janeiro de 2020

## REFERÊNCIAS

**A LOJA MÁGICA DE BRINQUEDOS.** Direção de Zach Helm. Canadá e Estados Unidos. 2007. (95 min.) DVD. Cor

**A VIAGEM DE CHIHIRO.** Direção de Hayao Miyazaki. Japão. Produção: Studio Ghibli, 2001. (125 min.) DVD. Cor

**AS BICICLETAS DE BELLEVILLE.** Direção de Sylvain Chomet. França. 2003. (78 min.) DVD. Cor

DE SOUZA, Fernanda Ribeiro. **Filmes nas salas de aula: as ciências em foco.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://uab.ufsc.br/biologia/files/2014/05/Fernanda-Ribeiro-de-Souza.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019

**GUAXUMA.** Direção de Nara Normande. Brasil. 2018. (14 min.) Cor. Disponível em: <https://vimeo.com/372750763>. Acesso em: 15 nov. 2019

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e depois.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 386 p

OMELCZUK, Fernanda; FRESQUET, Adriana; SANTI, Angela Medeiros. **Educação, cinema e infância: um olhar sobre práticas de cinema em hospital universitário.** Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 19, n. 53, p.387-394, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180139468014>. Acesso em: 8 dez. 2019.

**PONYO, UMA AMIZADE QUE VEIO DO MAR.** Direção de Hayao Miyazaki. Japão. Produção: Studio Ghibli, 2008. (101 min.) DVD. Cor

ROHDEN, Raquel. **Entre afetos e correntezas, memórias: relações com os rios e a Educação Ambiental**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/192275>. Acesso em: 24 out. 2019.

**TARZAN**. Direção de Chris Buck e Kevin Lima. Estados Unidos. Produção: Walt Disney Animation Studios, 1999. (88 min.). DVD. Cor